

Kropotkin e a Ajuda Mútua*

Paul Mattick**

Essa nova edição do trabalho de Kropotkin sobre a *Ajuda Mútua****, publicado pela primeira vez na virada do século, não apenas satisfaz a necessidade de sua disponibilidade contínua, mas – em certa medida – também ajuda a combater o neomalthusianismo e o renovado – embora fútil – esforço de apresentar a competição capitalista como uma “lei da natureza”. Kropotkin, afrontado pela crença de Huxley, segundo a qual na natureza e na sociedade a luta pela existência é uma luta de todos contra todos, demonstrou que tanto no mundo animal quanto na sociedade humana é a ajuda mútua que assegura e conserva a existência e contribui para o progresso.

A ideia proclamada por Huxley – “a sobrevivência do mais apto” – ficou conhecida pelo nome de Darwinismo Social. O sucesso na sociedade ocorre por meio da “seleção natural”. Nada pode ser feito sobre isso e nenhuma desculpa pode ser dada, visto que a natureza não é nem “moral” ou “imoral”, mas sim “não-moral”. Claro, esforços são feitos para desafiar a “lei natural” através do estabelecimento da ordem social projetada para mitigar a luta de todos contra todos. No entanto, isto promete pouco para o futuro, pois a população tende a exceder os meios de subsistência e, portanto, a luta pela sobrevivência continua a destruir os mais fracos.

* Tradução: Mateus Alves. Resenha publicada em: *Western Socialist*, Boston, EUA, 1956. Notas: Revista Marxismo e Autogestão.

** Paul Mattick é um dos principais representantes do “comunismo de conselhos”, autor de “Marx e Keynes”, entre diversas outras obras. No Brasil, teve publicado os livros “*Capitalismo e Ecologia*” (Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020); “*Karl Korsch e o Marxismo*” (Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020); “*O Marxismo na História*” (Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020).

*** KROPOTKIN, Piotr. *Mutual Aid*. com Prefácio de Ashley Montagu e incluindo “The Struggle for Existence” de T. H. Huxley. Boston: Extending Horizons Press, 1955.

Kropotkin não respondeu ao argumento malthusiano de Huxley, mesmo sendo o único argumento defendido por ele. Ao invés disso, ele descreve formas de ajuda mútua observadas no mundo animal e várias formas de cooperação social ao longo da história do homem. Isto ele fez com excelência e, portanto – para além de sua intenção específica –, seu livro é um importante estudo do comportamento animal e da evolução da sociabilidade humana. Kropotkin, ele próprio sob o encanto do darwinismo¹, desejou corrigir a interpretação determinada unilateralmente pela perspectiva capitalista, que encontrava somente a competição e não a ajuda mútua como o mais importante instrumento de sobrevivência. Ele não derrubou o argumento malthusiano porque pensava que as “evidências naturais da supermultiplicação” o tornava irrelevante.

Isto involuntariamente satisfaz os interesses dos “darwinistas sociais”, que não distinguem a sociedade da natureza, e que vê “leis naturais” em todas as manifestações de miséria social. Eles insistiriam que, mesmo apesar da luta pela existência não poder ser sempre caracterizada pela amarga luta pelos meios de subsistência, o pauperismo e a morte por fome, como também por pestes, devem ser resguardados como “evidências naturais da superpopulação”. Segundo o ponto de vista deles, o alívio do sofrimento humano, causado por qualquer razão, opõe-se às necessárias “evidências naturais de superpopulação”.

Kropotkin não respondeu ao argumento malthusiano porque ele, também, não deixou suficientemente clara a distinção entre sociedade e natureza. Da mesma forma que a competição dos darwinistas sociais é instintiva tanto para os animais e homens, a ajuda mútua, para Kropotkin, é um “instinto moral” da “origem pré-humana” e uma “lei da natureza”. Isto não o impede, no entanto, de tornar o lema “ajuda mútua”, que vem até nós “dos arbustos, das florestas, dos rios, do oceano”, na fundamentação de nossas “concepções éticas” de modo a garantir “uma evolução ainda maior de nossa raça”. Parece, então, que as “leis naturais” para serem realmente eficazes requerem o apoio ou a negligência dos homens.

¹ Kropotkin é bastante condescendente com Darwin (cf. VIANA, Nildo. *A Verdade Sobre o Darwinismo. Ensaios Críticos sobre Darwin e sua Herança*. Goiânia: Edições Redelp, 2020) e Mattick acerta nessa crítica do seu “encanto”, o que remete para a força das ideologias dominantes e da eficácia simbólica dos seus representantes (RMA).

A observação revela que há competição e ajuda mútua dentro e entre as diferentes espécies. Ajuda mútua é, obviamente, o melhor caminho para a sobrevivência daquelas espécies cuja sobrevivência depende da ajuda mútua em vez da competição. Por um longo tempo, no entanto, a sobrevivência no mundo animal não tem dependido da ajuda mútua ou da competição, mas tem sido determinado pela decisão dos homens de qual espécie deve sobreviver e prosperar, e qual deve ser exterminada. Qualquer que seja a “lei natural” em relação ao comportamento animal, ela é anulada por “leis” criadas pelo homem, que molda a “natureza” em favor de suas próprias necessidades e caprichos. “Natureza em estado bruto”, por assim dizer, onde “leis naturais” poderiam governar, precisam de preservação e proteção pelas leis nacionais e internacionais. Onde quer que o homem governe, as “leis da natureza” em relação à vida animal deixam de existir².

Se isto é verdadeiro para o mundo animal, mais ainda isto deve ser verdadeiro para o próprio homem. Apesar de também ser um grande admirador de Darwin³, Marx chamou atenção para o fato de que a “natureza” é continuamente transformada pelas ações dos homens e (especificamente contra o malthusianismo) que nenhuma “lei natural” governa o crescimento da população. A mudança da estrutura social, não a “lei natural”, determina onde haverá “superpopulação” ou não, e se, em consequência disso, ou independentemente dela, a ajuda mútua ou a competição caracterizam as relações sociais. A “superpopulação”, bem como a fome e a miséria associadas a ela, não são produtos da natureza, mas dos homens, ou melhor, das relações sociais que impedem uma organização

² Mattick tem razão ao afirmar que Kropotkin deixou de lado a questão da luta de classes, que deveria ser um momento da análise, inclusive para explicar Darwin e o darwinismo, bem como a intervenção humana na natureza. Porém, Mattick esquece que existem outros elementos para além da luta de classes, tal como a necessidade de compreender a evolução das espécies, independentemente da ação humana (e das “leis” produzidas no capitalismo). A intervenção humana na natureza não é total (embora caminhe cada vez mais para isso), mas é necessário entender a dinâmica própria da natureza, inclusive para analisar e reformular conscientemente a ação humana que interfere nela, bem como a discussão sobre a “evolução das espécies” remete para o entendimento dessa questão. Em outras palavras, é necessário não apenas criticar o *discurso ideológico* sobre a evolução das espécies e sua extensão à humanidade, mas é necessário elaborar um *discurso teórico* sobre a diferença entre a evolução natural e a evolução dos seres humanos, bem como compreender ambos os casos e os sistemas de pensamento ilusórios que ofuscam a sua compreensão (RMA).

³ Esse é um equívoco comum, pois, apesar de alguns elogios que Marx efetivou a Darwin, a sua concepção em relação a esse é muito mais crítica. Engels é quem admirava mais o naturalista inglês e convenceu Marx a ler *A Origem das Espécies*. A esse respeito, cf. VIANA, Nildo. *A Verdade Sobre o Darwinismo*. Ob. cit. (RMA).

social da produção e da vida em geral, que aboliria com o problema da fome e da “superpopulação”. A “superpopulação” que Huxley aponta não tem relação com os meios de subsistência, mas sim com a necessidade da acumulação de capital; é um produto do modo de produção capitalista e não de uma “lei natural”.

Com certeza, a “superpopulação” parece existir em grande parte do mundo onde as pessoas estão submetidas à fome, inundações, e métodos de produção atrasados. Embora essa condição não possa ser criada pelo homem, ela é mantida pelos homens para assegurar posições privilegiadas nas relações sociais existentes, ou nas relações de poder internacionais, ou ambas simultaneamente. A “superpopulação” não é a causa, mas o resultado dessas tentativas de frear o desenvolvimento social, como pode ser visto pelo fato de que, onde a fome é eliminada, a população tende a diminuir. Mas mesmo se isso não acontecesse, já existe, por um longo período de tempo, oportunidade de um aumento da produção suficiente para alimentar uma população mundial muitas vezes maior que seu tamanho atual.

Não é realmente a “superpopulação” que preocupa as classes dominantes. Pelo contrário, o oposto é verdadeiro; como ficou claro pelos frenéticos esforços para aumentar a população ao primeiro sinal do seu declínio tendencial, pelo fato de que o controle de natalidade ser um crime e pela manutenção de condições que promovem um vasto aumento das massas empobrecidas. Condições miseráveis para as massas são pré-requisitos para a riqueza e posição social especial das classes dominantes.

Embora seja bom saber que há tanto, ou mais, ajuda mútua quanto competição na natureza e na sociedade, isto não é suficiente para fazer os homens mudarem seus caminhos e alterar as relações sociais. Para quem lucra com essas condições, não importa o que é “natural” ou “não natural”, o “melhor” ou o “pior” método de sobrevivência das espécies. A humanidade não é uma de suas preocupações. Para aqueles que geram os lucros, pode ser ótimo saber que a ajuda mútua praticado em seus próprios círculos atestam seus elevados conceitos éticos, mas não faz parar a exploração. Toda a controvérsia entre Huxley e Kropotkin é um tanto irrelevante – não toca nas questões

relevantes da sociedade, principalmente que a “ajuda mútua” na sociedade humana pressupõe a abolição das relações de classes⁴.

⁴ Mattick tem razão em parte, pois sem abolição das classes sociais a generalização da cooperação, da solidariedade, fica impossibilitada. Porém, a solidariedade existe marginalmente e é fundamental no interior da classe operária e seus aliados. O maior problema dessa afirmação, no entanto, reside em retirar a discussão de Kropotkin do seu contexto, pois este está tratando de uma discussão mais geral e ampla, que é o da evolução das espécies e da evolução social, opondo ao princípio darwinista da “luta pela vida e sobrevivência dos mais aptos” (a competição) o princípio da “ajuda mútua” (solidariedade). Nesse sentido, ele responde ao “argumento malthusiano” mostrando que ele é falso e a evolução se fundamenta na “ajuda mútua” ou solidariedade, tanto no plano natural quanto social. Assim, a resposta é insuficiente, pois faltou mostrar as bases ideológicas do argumento refutado, bem como realmente faltou analisar de forma mais profunda a questão da competição, luta e solidariedade na sociedade humana. A competição social é um elemento constitutivo da sociabilidade capitalista (cf. VIANA, Nildo. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital. Ensaios Freud-Marxistas*. São Paulo: Escuta, 2008), que serve para reproduzir e reforçar a sociedade capitalista, a solidariedade é um elemento marginal nessa sociedade e a luta de classes é um fenômeno social que perpassa todas as sociedades de classes e o capitalismo. No plano da natureza, existe tanto luta pela vida quanto solidariedade, mas não existe “luta de classes” (fenômeno exclusivamente humano e produzido historicamente), o que não impede que determinados ideólogos façam a transposição desse fenômeno social para o mundo natural, mas isso não é realidade e sim ideologia (RMA).